Sentimentos de despersonalização em vítimas de violência urbana*

SYLVIA THEREZINHA CARDONI JANGUTTA

1. Introdução; 2. Revisão bibliográfica; 3. Procedimento; 4. Discussão.

"Temos boas razões para considerar a agressão intra-espécie, na situação cultural, histórica e tecnológica atual da humanidade, como o mais grave de todos os perigos." (Lorenz)

1. Introdução

Neste artigo, o objetivo primordial é pesquisar quais são os efeitos que produzem atos de violência em suas vítimas, considerando-se como violento qualquer ato em que se faz uso de força, coação ou em que haja constrangimento físico e moral.

O interesse pela presente pesquisa surgiu da constatação de que a violência é tida, atualmente, como uma parte integrante da vida dos habitantes dos grandes centros urbanos.

Parece-nos indiscutível a penetração da violência no cotidiano da população. O indivíduo é obrigado a conviver, quer através das vivências pessoais, quer através dos meios de comunicação, diariamente, com a idéia de ter sua existência ou bens ameaçados.

Observar as transformações no modo de "ser no mundo" das pessoas vitimadas por atos de violência, e as conseqüentes mudanças nos mais diversos aspectos da vida desses indivíduos, em termos de suas vivências especial e temporal, da percepção do mundo que os cerca, das relações interpessoais e da visão que têm de si mesmos, fazem parte dos objetivos do presente trabalho.

Tomando-se como ponto fundamental a violência que, por sua própria definição ambígua, pode se manifestar através dos atos tais como roubo, assalto, seqüestro, estupro, assassinato, furto e outros, supõe-se que a vivência individual de suas vítimas irá variar, de acordo não só com o tipo de ato com que foi vitimada, mas também por todos os aspectos circunstanciais que envolvem o mesmo, bem como pelo número de vezes em que o indivíduo foi vítima.

A nível de hipótese, acredita-se que, uma vez vitimado por um ato violento, o indivíduo mudará a maneira de perceber o mundo que o cerca, e numa visão sistêmica mudará sua autopercepção e seu ser no mundo.

* Faz-se útil esclarecer que o presente trabalho se situa como parte do projeto para a dissertação de tese de mestrado no quadro de pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e, como tal, trata-se de uma pesquisa ainda em andamento, o que impossibilita a apresentação de resultados concretos por parte da autora.

O levantamento inicial das teorias e pesquisas existentes a respeito das pessoas vitimadas por atos de violência (principalmente no que se refere à violência urbana), não revelou explicações satisfatórias. O que se conhece atualmente no assunto é quase que exclusivamente depoimentos fornecidos pela imprensa escrita (principalmente) e falada, sem que haja qualquer tratamento científico dos mesmos.

Enfocando-se a agressão sob o ângulo psicológico, a nível de seus efeitos, encontrou-se diversos estudos que, sem exceção, só estudam a violência e seus efeitos a nível de experiência de laboratório, ou seja, as "vítimas" são em sua maioria voluntários que se submetem aos experimentos, o que a nosso ver limita profundamente o alcance de tais pesquisas.

Stapleton e outros, partindo da hipótese de que uma análise crítica do conceito de agressão forneceria uma base para a demonstração empírica da relatividade envolvida no uso do termo "agressivo", empregaram 60 sujeitos como observadores ingênuos e lhes deram descrições do paradigma freqüentemente usado no estudo da agressão. O que parece importante ressaltar, é que nessa pesquisa os autores admitem que não só existe uma falta de articulação entre definições operacionais e conceituais do termo agressão, mas que também é difícil discernir qual critério poderia ser aplicado para estabelecer uma unidade funcional entre todas as respostas identificadas empiricamente como agressivas. Assim, eles propõem: "À falta de um critério claro na identificação de uma resposta "agressiva", torna necessário para cada pesquisador a construção de seu próprio e inexplicável julgamento fenomenológico, sobre o que irá considerar como sendo agressivo. Ao fazê-lo ele freqüentemente deve fazer inferências sobre as motivações dos sujeitos." Concluem então que se considerações fenomenológicas vêm em primeiro lugar na identificação de respostas como agressivas, então a investigação das condições sobre as quais os pesquisadores aplicam o termo aos sujeitos torna-se o foco de atenção. Muitos estudos recentes indicam que o uso dos termos "violência" e "agressão" é significativamente afetado pelos valores e normas do sujeito da pesquisa.

2. Revisão bibliográfica

Devido à influência recíproca entre indivíduo e sociedade, seria difícil fazer uma análise do indivíduo sem colocá-lo em relação com os fatores sociais que o envolvem, como meio-ambiente, cultura etc. Lorenz liga o fenômeno da agressividade à vida social. A função dos instintos é inibir a agressão e criar laços sociais. O comportamento social do homem é penetrado pela ritualização cultural. Ele distingüe também o bando anônimo, da comunidade unida por um laço, a que ele chamou de grupo: "Tal como o bando anônimo, o grupo é caracterizado por uma coesão geral devida a reações provocadas por um dos seus membros noutro. Mas ao contrário dessa ordem social impessoal, as reações estão aqui estritamente ligadas à individualidade dos membros do grupo".

A formação de um verdadeiro grupo supõe, portanto, que os indivíduos sejam capazes de reagir seletivamente à individualidade dos seus vizinhos. Para ele "a condição indispensável para a formação de um grupo é a identificação pessoal do companheiro em todas as situações possíveis da vida. Essa identificação do companheiro aprende-se, claro está, individualmente".

Gostaríamos de nos ater aqui a esse aspecto destacado por Lorenz e que diz respeito à individualidade, ou seja, à necessidade de identificação pessoal para cada um dos elementos do grupo. O reconhecimento pelo grupo da identidade dos seus sujeitos nos leva ao conceito de "eu". Usar-se-á aqui o conceito de "eu" como o indivíduo consciente, revelado e conhecido de si próprio. Para Jung, "eu" é o "complexo de representações que constitui para mim o

centro de meu corpo consciente e que me parece da máxima continuidade e identidade, a respeito de si mesmo". E acrescentou. "O eu tanto é um conteúdo da consciência como uma condição de consciência, porquanto, para mim um elemento psicológico é consciente na medida em que estiver referido ao complexo do eu".

Estando presente neste trabalho a preocupação com os efeitos da violência no indivíduo social, que vive em constante interação com os outros, gostaria-se de explorar a idéia de que a violência urbana levaria a uma alteração, em suas vítimas, dessa noção de "eu", ocorrendo então a despersonalização do indivíduo.

Augras, em um trabalho apresentado com o título *Temas de despersonalização nos conteúdos do Teste Rorschach*, cita o que para Jaspers seriam as quatro características fundamentais da consciência do eu: "a alteridade (sou diferente do outro), o sentimento da atividade (atuo, logo existo), a identidade (sou o mesmo), e a unidade (em determinado momento, sou um só). Em tese, todos esses aspectos, juntos ou separados, podem expressar-se, quando perturbados, através de temas de despersonalização." Tentaremos esclarecer o que se entende por despersonalização. Ainda segundo a autora "mais que um quadro de perturbações da consciência de si, a despersonalização seria um modo do indivíduo expressar sua insegurança em relação a si próprio e em relação ao mundo".

Para Alonso Fernandez, "na despersonalização, o conteúdo da consciência cujo caráter de realidade se altera é o próprio "eu", quer dizer, a consciência do eu. Surge então a vivência de estranheza referida a si mesmo". Para esse autor, as vivências de estranheza referidas ao eu e ao mundo exterior são um transtorno unitário, assim como também no campo da normalidade existem estreitos vínculos entre a consciência do eu e a consciência do mundo exterior. Acredita-se que essa consciência do eu e do mundo exterior sofre profundas alterações quando o indivíduo vivencia insegurança em situações violentas, surgindo então sentimentos despersonalizantes.

Um outro aspecto que se gostaria de destacar diz respeito ao espaço. Lorenz observou que mesmo nas espécies que formam multidões imensas, os indivíduos nunca se aproximam demasiadamente um do outro, fica sempre, entre dois animais, uma distância mínima. A esse respeito, Lorenz cita o que o Hediger chama a distância individual "obrigatória": "pode considerar-se o espaço, cujo raio é determinado pela distância individual, como um minúsculo território transportável, porque os mecanismos de comportamento que garantem a sua manutenção são, em princípio, os mesmos que delimitam os territórios.

Indo mais além, Augras afirma: "As dimensões do espaço são criadas a partir das extensões do corpo. O ser é o seu centro. O espaço é aberto e orientado pela movimentação do ser dentro do mundo." E ainda: "O espaço próprio, sendo extensão do corpo, não pode ser invadido. Constitui condição imprescindível de sobrevivência, tal como limites corporais. É, textualmente, o espaço vital, cuja extensão deve ser mantida, custe o que custar. Toda história do mundo é escrita em termos de manutenção e expansão do território, e em nenhum outro campo a transgressão dos limites acarreta mais dores e sofrimentos."

Se o espaço próprio, vital do indivíduo, é uma extensão de seu corpo, qualquer invasão a esse espaço pode provocar uma perda do centro do indivíduo. Se esse "centro" for considerado como o "eu" do indivíduo, pode-se concluir que atos de violência podem gerar efeitos de despersonalização nos indivíduos que tiveram seu espaço transgredido. Como disse muito bem Augras: "pessoas transplantadas apresentam reações de depressão e, até mesmo, quadros de despersonalização. Despojadas dos marcos costumeiros do seu território, perdem também o seu centro. O espaço, ordenado com extensão do corpo, é vivenciado como parte integrante da unidade corpórea".

3. Procedimento

Por se tratar de uma pesquisa de caráter normativo, na qual se pretende analisar os efeitos despersonalizantes que a violência urbana gera nos indivíduos a ela submetidos, a amostra será composta de 60 indivíduos adultos, divididos em 30 sujeitos vítimas de violência compondo o grupo experimental, e de 30 sujeitos não-vítimas de violência na composição do grupo de controle. O modelo operacional a ser seguido se define em um estudo exploratório de campo, com fins normativos, pois medir-se-á a variável despersonalização e as outras que a explicitam, através de entrevistas e instrumentos (teste da figura humana e uso de escala de auto-estima já padronizada), tanto no grupo experimental (pessoas vítimas), como no grupo de controle (pessoas não-vítimas). O trabalho de campo será desenvolvido em uma delegacia situada no bairro de Copacabana, onde se pretende aguardar a chegada dos indivíduos que forem apresentar queixas relativas a qualquer ato de violência. Estes indivíduos irão constituir a amostra experimental. De acordo com as características encontradas no grupo experimental constituído pelos indivíduos vítimas de violência, se constituirá o grupo de controle, de pessoas não-vítimas, visando-se à comparação e ao emparelhamento dos dois grupos.

4. Discussão

"A melhor definição do homem é que ele é o único ser capaz de reflexão, ou seja, capaz de se ver a si próprio no quadro de referência do universo que o rodeia." (Lorenz)

Nas grandes cidades brasileiras pode-se constatar uma penetrante onda de medo que ameaça a maneira de viver das pessoas. Existe alguma coisa nova na maneira com que os indivíduos estão sofrendo atos de violência: é que os crimes estão ficando mais brutais, mais irracionais, mais casuais e por isso mesmo mais assustadores.

Nos EUA, segundo artigo da revista *Time* (mar. 1981), os criminologistas afirmam que o medo de se tornar vítima do crime é maior que o risco atual, mas ninguém nega que o medo é real. Lá, porém, parte da nova reação ao crime é a maior atenção que está sendo dada às vítimas de crimes violentos.

Richard Ciccone, um psiquiatra da Universidade de Rochester, acha que a menos que a sociedade comece fazer algo mais, a epidemia de crime estará paralela à uma epidemia de problemas psiquiátricos nas vítimas. Ele diz: "Vítimas que não recebem uma compreensão apropriada e um tratamento caem freqüentemente em depressão crônica, perdem suas habilidades de traçar seu caminho no mundo e tornam-se sombras de suas próprias formas."

A precariedade da produção científica, no que se refere ao estudo psicológico das vítimas da violência, somada ao recente interesse que a violência urbana tem despertado nas mais diversas áreas de pesquisa no Brasil parecem justificar plenamente a busca de conhecimentos para melhor compreensão dos problemas que esta provoca em suas vítimas, posto que a partir do conhecimento mais objetivo das vivências pessoais desses indivíduos, poder-se-á traçar técnicas terapêuticas mais adequadas no atendimento dos mesmos. Esgotar a questão não é o que se pretende aqui, o que estaria, aliás, em desacordo com a postura exploratória do presente trabalho.